

O estresse psicológico em relação ao sexo feminino e masculino no Brasil: uma revisão narrativa da literatura

The levels of psychological stress in relation to female and male sex in Brazil: a narrative review of literature.

Jéssica Moreira Fernandes¹
Joicimar Cristina Cozza Andrade Moraes²
Letícia Aparecida de Souza Silva³
Luana Pereira da Silva⁴
Mirela Martines do Nascimento⁵
Vivian Aline Preto⁶

RESUMO

O presente artigo buscou investigar e descrever os níveis de estresse entre sexo feminino e masculino no Brasil através de revisão narrativa da literatura. Os dados foram coletados nas bases eletrônicas Medline, Lilacs e SciELO. Analisaram-se 44 artigos na íntegra, incluídos apenas 9 na revisão. Os resultados revelaram que, todos os artigos inclusos apontaram o sexo feminino como mais estressado comparado ao masculino. Conclui-se que, é de suma importância uma visão atenta ao estresse entre as mulheres, compreendendo a forma como são vistas na sociedade, trazendo novas soluções e revertendo resultados negativos para saúde delas. Os achados contribuem para que futuros estudos possam ter acesso a uma revisão atualizada sobre tais aspectos, ampliando discussões e despertando buscas por novos dados.

Palavras-chave: Estresse, Revisão, Sexo, Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The present article sought to investigate and describe the levels of stress between female and male sex in Brazil through a narrative review of the literature. The data were collected in electronic databases Medline, Lilacs and SciELO. A total of 44 articles were analyzed, including only 9 in the review. The results show that all included articles pointed to female sex as more stressed compared to male. It is concluded that a stressful view of women is essential, understanding the way they are viewed society, bringing new solutions and reversing negative results for their health. The findings contribute to the fact that future studies may have access to an up-to-date review of these aspects, broadening discussions and awakening the search for new data.

Keywords: Sex, Stress, Review, Vulnerability.

Introdução

A sociedade contemporânea passou a ser alvo do estresse, de tal forma que a Organização Mundial da Saúde afirma ser uma epidemia global do estresse

¹ Graduanda do UniSALESIANO de Araçatuba (SP), e-mail: jessica-fernandes@outlook.com

² Psicóloga. Especialista. Mestranda no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/ FMUSP, docente do UniSALESIANO Araçatuba (SP), e-mail:joice_cozza@hotmail.com.

³ Graduanda do UniSALESIANO de Araçatuba (SP), e-mail: leticiaa_plis@hotmail.com

⁴ Graduanda do UniSALESIANO de Araçatuba (SP), e-mail: luanapereira.185.lp@gmail.com

⁵ Graduanda do UniSALESIANO de Araçatuba (SP), e-mail: mika_martinesn@hotmail.com.

⁶ Enfermeira. Mestre em Enfermagem Psiquiátrica / Doutora do Programa de Enfermagem Psiquiátrica –EERP/USP, docente do UniSALESIANO de Araçatuba (SP), e-mail: viviusp@yahoo.com.br.

causando sinais de esgotamento ou até mesmo ansiedade e depressão (PRADO et al., 2017). O estresse é estabelecido como sendo uma situação de tensão aguda ou crônica, cujas alterações afluem tanto no desempenho físico quanto no estado emocional, somadas muitas vezes a estratégias de enfrentamento demonstradas como ineficazes (PRETO et al., 2018).

É notório que um pequeno nível de estresse é necessário para que se enfrentem os desafios cotidianos, contudo, o indivíduo exposto a uma situação estressante prolongada e de níveis elevados, causam inúmeras reações adversas, podendo desenvolver efeitos negativos, tanto físicos como psicológicos, tais como: maior vulnerabilidade ao Acidente Vascular Cerebral (AVC) devido à elevação da pressão arterial; quadros infecciosos derivados da redução da resposta imune do organismo; distúrbios gastrointestinais; problemas alimentares que causam perda ou ganho de peso excessivo; insônia; diminuição da memória, depressão e outros agravos de cunho emocional (PRETO et al., 2018). Devido a tais problemas de saúde causados pelo estresse, estudos e pesquisas vêm sendo realizados com maior frequência e apontam uma preocupação com tal tema, buscando analisar os diferentes fatores estressores que desencadeiam sofrimento psicológico nas mais diversas proporções. Alguns desses fatores estão relacionados a condições sociodemográficas da sociedade atual, dando grande ênfase nos aspectos do sexo, definindo assim, no presente estudo como o binômio biológico feminino e masculino (PETRY, 2015).

Posto que homens e mulheres pareçam ser acometidos de forma igual pelo estresse, ainda assim é evidente em pesquisas realizadas que as mulheres vêm sendo mais sobrecarregadas pelo fator de múltiplos papéis na sociedade e na família, tornando-se mais vulneráveis a doenças. Segundo alguns autores (CALAIS, et al., 2007; SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010), a mulher manifesta um maior nível de estresse psicológico e maior sensibilidade emotiva do que os homens. Já outros autores (GADZELLA et al., 1991) acreditam que o sexo feminino é mais aberto do que o sexo masculino para lamentar e demonstrar seus sentimentos perante aos outros, o que pode resultar numa falsa impressão dos reais motivos das mulheres estarem mais estressadas.

Portanto, há necessidade de se analisar fatores estressores e a percepção do mesmo em relação ao sexo no Brasil. Perante isso, considerando que o estresse

possa estar relacionado com o sexo, se torna possível apontar que para cada sexo há um estressor diferente afetando o modo como se vive, causando problemas já citados anteriormente. Desse modo este estudo objetivou averiguar como o estresse psicológico se manifesta em relação ao sexo masculino e feminino no Brasil.

Métodos

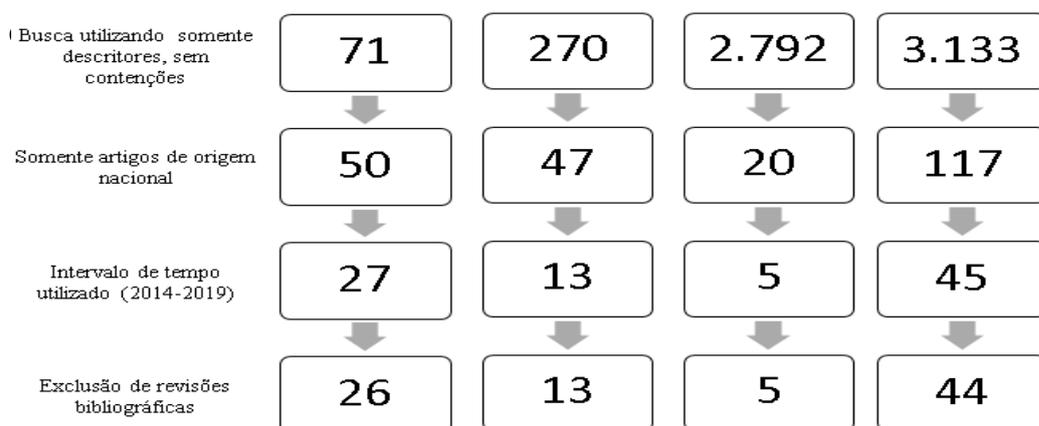
Trata-se de uma revisão narrativa da literatura que aborda trabalhos publicados sobre estresse.

Para execução da revisão, coletaram-se materiais nas bases eletrônicas SciELO, Lilacs, Medline. Foram selecionados textos completos nas áreas de ciências da saúde. Para início das buscas, definiu-se como questão norteadora: Como estão os níveis de estresse considerando o sexo masculino e feminino nas pesquisas brasileiras?

Delinearam-se estratégias de busca diferentes requeridas para cada base de dados, fundamentando-se nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) que resultaram em: “estresse psicológico” [and] “sexo”, usando-se para busca o modo avançado, palavras no título, resumo (abstract) e/ou no artigo, por meio do método integrado de busca. As pesquisas ocorreram no mês de abril de 2019.

Para atingir os objetivos propostos, primeiramente realizou-se uma pesquisa bibliográfica, sem contenção de datas, totalizando 3.133 (SciELO 71, Lilacs 270 e Medline 2.792). A estratégia de busca de forma detalhada encontra-se na figura 1. Após busca inicial, foram selecionados somente artigos de origem nacional, reduzindo o número de artigos para 117 (SciELO 50, Lilacs 47 e Medline 20). O intervalo de tempo utilizado foi de janeiro de 2014 a janeiro de 2019, critério este usado devido a disseminação do tema nos últimos anos, resultando em uma redução de 45 artigos (SciELO 27, Lilacs 13 e Medline 5). O último critério foi a exclusão de revisões bibliográficas, reduzindo a 44 artigos no total (SciELO 26, Lilacs 13 e Medline 5).

Figura 1 - Diagrama de fluxo do processo de seleção dos artigos - Janeiro de 2014 a Janeiro



Realizada a leitura, elencaram-se os seguintes critérios de inclusão: artigos originais que disponibilizaram o texto completo, artigos com a versão *online* de maneira gratuita, produções nacionais publicadas nos idiomas português, espanhol ou inglês, que abordassem o tema estresse, e que classificassem suas amostras por sexo. Como critério de exclusão: revisões e artigos que após leitura do resumo, não convergiam com o objeto de estudo proposto, além de publicações que se repetiram nas bases de dados.

Após a leitura dos artigos, 9 foram selecionados para o estudo por preencherem todos os critérios de inclusão pré-estabelecidos. Os artigos apresentam-se em um quadro (quadro 1) com informações sobre o(s) autor (es), ano, amostra, objetivo e abordagens relevantes.

Por meio da análise descritiva dos dados, pôde-se estabelecer os assuntos norteadores da discussão, entre eles identificar se há predominância de estresse entre o sexo feminino e masculino, e o motivo de tal influência.

Tabela 1- Resultado das estratégias de busca realizadas nas bases de dados selecionadas, segundo critérios de inclusão e exclusão, entre 2014-2019.

	Artigos Encontrados	Artigos Excluídos			Artigos Incluídos
		Duplicidade	Resumo	Íntegra	
Base de dados					
SciELO	26	1	0	18	7
Lilacs	13	2	0	9	2
Medline	5	0	1	4	0

Resultados

Analisaram-se 44 artigos na íntegra e foram incluídos 9 na revisão, aos quais encontram-se descritos numericamente no Tabela 1.

Os dados revelam a escassez nas publicações de estudos sobre a relação entre estresse e sexo em âmbito nacional. Assim, verificou-se que, apesar da pesquisa abranger produções de 2014 a 2019, as publicações analisadas encontram-se de 2015 a 2017, sendo 22,22% (2) publicadas em 2015, 33,33% (3) em 2016 e 44,44% (4) em 2017.

Quadro 1 - Descrição dos aspectos relevantes sobre estresse e sexo encontrados nos artigos incluídos na revisão - período entre janeiro de 2014 a janeiro de 2019.

Artigo	Autor (es)	Amostra	Abordagens relevantes
Ansiedade, estresse e depressão de familiares de pacientes com insuficiência cardíaca	LACERDA, M. S. et al.(2017)	100 familiares de paciente com insuficiência cardíaca, 81 do sexo feminino e 19 do sexo masculino	Buscaram identificar o nível de ansiedade, estresse e sintomas de depressão de familiares de pacientes com insuficiência cardíaca, e a relação entre esses sentimentos com as variáveis sociodemográficas e clínicas. Entre os resultados encontrados, destaca-se que indivíduos do sexo feminino apresentaram maior média de estresse (18,2 %) em relação ao sexo masculino (14,16 %). A justificativa para tal resultado seria a relação com hormônios femininos, fase do ciclo reprodutivo e atividades domésticas, além do acúmulo de tarefas realizadas pela mulher, podendo elevar o nível de estresse.
Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio	GHERARDI-DONATO, E. C. S. et al. (2015)	310 técnicos e auxiliares de enfermagem, selecionados aleatoriamente, sendo 236 do sexo feminino e 74 do sexo masculino	Propuseram analisar a relação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. Após estudo, constataram que a chance de depressão foi duas vezes maior entre os profissionais que apresentaram alto nível de estresse laboral. Constataram também que a depressão é 20 % mais expressiva no sexo feminino. Após resultados, concluíram que é essencial ações de prevenção e tratamento, e incentivo para as instituições de saúde na criação de programas específicos de tratamento para profissionais de saúde.
Associação entre estresse	PINTO, A.A. et al. (2017)	2.517 adolescentes,	Analisaram a associação entre estresse percebido na adolescência, peso corporal e

percebido na adolescência, peso corporal e relacionamentos amorosos		sendo 1.411 do sexo feminino e 1.106 do sexo masculino	relacionamentos amorosos. Constataram que, o sexo feminino apresentou maior prevalência de estresse (23,2%) comparado ao sexo masculino (3,6%). Com base nos resultados encontrados, propuseram incluir tal assunto no cotidiano escolar dos alunos com auxílio de profissionais e recursos educativos de variadas formas.
Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina	SANTOS, F.S. et al. (2017)	256 estudantes, sendo: 127 do sexo feminino e 51 do sexo masculino estudantes de pré-vestibular, e 43 do sexo feminino e 35 do sexo masculino estudantes de medicina	Avaliaram a presença de sintomas de estresse entre pré-vestibulandos e acadêmicos de Medicina. Neste estudo, quantificaram os atingidos e sua respectiva fase de estresse. Na análise estatística houve divisão dos dados em relação aos grupos (estudantes de pré-vestibular de Medicina e acadêmicos de Medicina). Constataram que estudantes de pré-vestibular do sexo feminino apresentaram-se em fases avançadas do estresse (87,5%) comparado ao sexo masculino (12,5%).
Estresse em estudantes de enfermagem: estudo sobre vulnerabilidades sociodemográficas e acadêmicas	CESTARI, V.R.F. et al. (2017)	455 acadêmicos, sendo 428 do sexo feminino e 27 do sexo masculino	Avaliaram a associação entre a presença de estresse em estudantes de enfermagem e vulnerabilidades sociodemográficas e acadêmicas. Como resultado, perceberam que o estresse possuía relação com sexo, e afirmam que 64 % do total de estudantes estão estressados, sendo o sexo feminino responsável pela maior proporção de casos de estresse (65,4%) comparado ao sexo masculino (40,7%).

<p>Nível de estresse em trabalhadores readequados e readaptados em Universidade Estadual Pública</p>	<p>CACCIARI, P.; HADDAD, M.C.L.; DALMAS, J. C. (2016)</p>	<p>91 trabalhadores, sendo 68 do sexo feminino e 23 do sexo masculino</p>	<p>Propuseram identificar o nível de estresse em trabalhadores readequados e readaptados de uma universidade estadual pública. Entre os resultados encontrados, verificaram em relação ao sexo, que as mulheres apresentaram a média de nível de estresse maior (23 %) do que os homens (20,7 %). O adoecimento neste grupo pode ser agravado pela discriminação nas relações de trabalho, na sobrecarga delegada às mulheres, visto que a elas são atribuídas várias jornadas de trabalho referente aos papéis que exerce, a saber: o trabalho doméstico, trabalho remunerado, o cuidado com os filhos, o papel de esposa, entre outros, causando assim, a redução do convívio familiar e da prática de bons hábitos de saúde, promovendo um processo saúde-doença diferenciado.</p>
<p>Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem</p>	<p>SANTOS, J. B. G. et al. (2016)</p>	<p>50 crianças, sendo 23 do sexo feminino e 27 do sexo masculino</p>	<p>Objetivaram comparar o nível dos sinais sugestivos de estresse entre crianças com transtornos de aprendizagem (com e sem intervenção fonoaudiológica) e em crianças sem qualquer dificuldade escolar e verificaram o nível de estresse entre os grupos de acordo com o sexo dos participantes. Constataram diferença, estatisticamente insignificante, entre os sexos, embora encontrado maior frequência de sinais de alerta para o estresse no sexo feminino. Concluem enfatizando a importância de novos estudos que promovam o conhecimento acerca dos fatores de estresse entre meninos e meninas, a fim de oferecer melhores</p>

			condições de aprendizagem nas escolas e respeitando as diferenças entre os sexos. Ainda consideram relevante saber o que provoca níveis mais elevados de estresse entre os sexos, para desenvolver orientações com a finalidade de promover a saúde mental e o bem-estar psicológico das crianças em desenvolvimento, respeitando suas particularidades
Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) – Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros	PATIAS, N.D. et al. (2016)	426 adolescentes, sendo 264 do sexo feminino e 162 do sexo masculino	Pretendeu-se adaptar e validar a Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form (DASS21) para adolescentes brasileiros, um instrumento de mapeamento de sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Sobre os escores em cada fator e no total, foram observadas diferenças significativas nas médias em cada fator (subescala) e no total do escore EDAE-A por sexo, tendo as meninas, maior média em todos eles, quando comparadas com os meninos, a saber: depressão 3,16 para os meninos e 4,95 para as meninas, estresse 2,29 nos meninos e 3,40 nas meninas e EDAE-A 9,77 para os meninos e 14,82 para as meninas. Esse aspecto pode estar relacionado a estereótipos de gênero, que demonstram especificidades quanto à saúde mental das meninas.
Estresse e fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade	VIEIRA, L.N.; SCHERMANN, L.B. (2015)	184 universitários, sendo 151 do sexo feminino e 33 do sexo masculino	Avaliaram a presença de estresse em alunos de psicologia de uma universidade particular do sul do Brasil, bem como a associação do estresse com fatores sociodemográficos, fatores relacionados ao curso e com o rendimento acadêmico. No que diz respeito

particular do sul do Brasil			aos fatores sociodemográficos, houve diferença significativa em relação ao sexo, estando as mulheres, neste estudo, mais suscetíveis ao estresse (69,5%) do que os homens (36,4%).
-----------------------------	--	--	--

Discussão

Com base na revisão e análise dos resultados, observou-se que as amostras dos estudos são predominantemente do sexo feminino nos diversos ambientes onde as pesquisas foram realizadas. Quanto ao nível de estresse encontrados nos textos, destaca-se que todos os artigos demonstram maior estresse, ou suscetibilidade a ele, no sexo feminino independentemente da idade ou área de atuação.

Constatou-se vulnerabilidade ao estresse feminino no ambiente de trabalho. Foram apontados dois artigos abordando tal tema, onde Gherardi-Fonato. et al. (2015) e Cacciari; Haddad & Dalmas (2016) discutem que os níveis elevados de estresse constatados podem estar relacionados a mulher e sua condição social enquanto profissional. Além de lidarem com seu ofício profissional, são atribuídas às mulheres outras jornadas de trabalho não tão valorizadas socialmente: atividade doméstica, educação dos filhos, o papel de esposa, entre outros. Outros autores que discutem estresse e gênero ratificam que mulheres apresentam maior nível de estresse se comparados aos homens, em razão de estarem culturalmente estereotipadas como pessoas emocionais, solidárias e dependentes (SADIR; BIGNOTTO; LIPP, 2010).

A pesquisa também identificou que o sexo feminino sobressaiu-se em relação ao estresse em contexto acadêmico, num total de três artigos neste ambiente (SANTOS et al., 2017; CESTARI et al., 2017; VIEIRA; SCHERMANN, 2015). Como resultado, Santos et al. (2017) constataram que os níveis de resistência e exaustão predominaram no sexo feminino, e justificam tais resultados relatando a sobrecarga de atividades, aqui já citada, além da inserção tardia da mulher no meio acadêmico como fator influenciador. Já Cestari. et al. (2017) identificaram o estresse em estudantes de enfermagem. Para defender os altos níveis, os autores pontuam o domínio de mulheres no curso, visto que, historicamente a enfermagem é vista como um ambiente feminino, justamente pela imagem de cuidar e proteger banalizada às mulheres. Em outro contexto estudantil, Vieira & Schermann (2015) explica que independente da circunstância, mulheres vem sendo apontadas como as mais estressadas. Estudos revelam que em estudantes universitárias do sexo feminino, o estresse relaciona-se às responsabilidades com as atividades obrigatórias da universidade, trabalho e cuidados com o lar e a família (GERVÁSIO et al., 2012). A

sobrecarga de responsabilidades aumenta a produção de hormônios, como o cortisol e a adrenalina, que atingem duas mulheres para cada homem, implicando altos níveis de exaustão emocional e aparecimento de quadros de ansiedade, pânico e depressão (SILVA et al., 2014; SAWATZKY et al., 2012).

Na adolescência também se identifica maior nível de estresse no sexo feminino, como apontou dois artigos integrantes da pesquisa (PINTO et al., 2017; PATIAS et al., 2016). Pinto et al. (2017) relatam que as moças são expostas, de forma mais expressiva e precoce, a eventos estressores do que os rapazes, como por exemplo, tarefas domésticas e cuidado com os irmãos; além disso, exteriorizam questões físicas e adotam cobranças, insatisfações quanto a aparência e peso corporal desde muito jovem e, com o tempo, podendo levar ao desenvolvimento do estresse em função da insatisfação com a autoimagem (CRUZAT MANDICH et al., 2016). Associadas a esses achados, existem evidentes alterações físicas e hormonais, sentimentos de vergonha, medo, descoberta da sexualidade, tornando tal fase um momento conflituoso para as mulheres (ROCHA et al., 2006). Já os rapazes, quando confrontados por situações estressantes, tendem a buscar a distração e diminuir a gravidade de determinados conflitos com mais frequência do que as moças, e buscam atitudes mais incisivas ao resolver problemas imprevistos (CAIRES; SILVA, 2011).

Nota-se ainda que, há mais restrições à liberdade das meninas, e um aumento de responsabilidades, conflitos e dúvidas, além de maior controle parental, quando comparadas aos meninos, tornando a adolescência como um período antagônico (TRAVERSO-YEPEZ & PINHEIRO, 2005)

Em um contexto infantil, no ambiente escolar, um artigo buscou identificar níveis de estresse em crianças com transtornos de aprendizagem (SANTOS et al., 2016). Os autores identificaram o nível de estresse de acordo com o sexo dos participantes, sendo a maior frequência de sinais de alerta para o sexo feminino. Um estudo relacionando suporte familiar e estresse infantil constatou que o estresse colabora fortemente com os índices de desempenho fraco na escola (MOMBELLI et al., 2011).

Para finalizar, um artigo integrante da pesquisa buscou identificar o nível de estresse, e outras comorbidades, relacionando variáveis sociodemográficas e clínicas, em familiares de pacientes com insuficiência cardíaca (LACERDA et al., 2017). Os autores justificam tal resultado explicando que, eventos estressores se

iniciam precocemente na vida do indivíduo, mas acredita-se que a mulher está mais exposta a tais situações, pois logo cedo, entre infância e adolescência, atribui-se a elas tarefas domésticas e obrigações para as quais os homens ainda não foram apresentados, ciclo este que se repete até a vida adulta. Um estudo realizado com cuidadores familiar de pessoas com doenças crônicas revelou a ausência de ajuda e de compreensão dos familiares, e pessoas que convivem com o doente gerando sobrecarga ao cuidador, principalmente para esposas e familiares do sexo feminino (PINTO; NATIONS, 2012).

Diante no cenário apresentado, é inquestionável a importância de uma visão atenta quanto à saúde de ambos os sexos, ainda mais para o sexo feminino, compreendendo a forma como são vistas diante da sociedade, trazendo novas soluções e revertendo resultados negativos para saúde desses indivíduos.

O presente estudo pôde identificar os níveis de estresse entre os sexos, constatando que o sexo feminino apresenta maior nível comparado ao sexo masculino, no Brasil, independentemente do contexto sociocultural e econômico, corroborando com os diversos relatos literários (ARALDI-FAVASSA; ARMILIATO; KALININE, 2005; MARGIS. et al., 2003; BARBOSA, R.H.S. et al, 2012). Diante dos achados, analisar tais dados contribui para que futuros estudos possam ter acesso a uma revisão atualizada sobre tais aspectos, ampliando as discussões e despertando a busca por novos dados.

Considerações finais

No Brasil, com o passar do tempo, ocorreram mudanças que interferiram no modo de vida da população. Tais mudanças, que somadas a diversas situações, trouxeram um dos problemas mais apontados atualmente, o estresse. Considerando que o estresse vem a evidenciar a susceptibilidade das enfermidades relacionadas e o sofrimento psicológico, torna-se importante avançar nas produções científicas em relação ao tema, assim, facilitando a observação e a busca de meios para diminuição dos resultados negativos apontados.

No presente estudo, foi perceptível que as pesquisas realizadas apontam as mulheres como sendo mais sobrecarregadas pelo estresse do que os homens, desde a infância até a fase adulta, isso devido aos múltiplos papéis que veem desenvolvendo, sendo estes papéis na sociedade, na família e no ambiente de

trabalho. Este apontamento deriva do fato de que, atualmente, a sociedade impõe às mulheres uma maior carga de atividades, sobretudo, porque, além das exigências pessoais, biológicas, sociais, sexuais e hormonais, ainda existe a carreira acadêmica ou profissional que também se caracterizam como pilares importantes na carga de fatores correlacionados e desencadeadores do estresse.

Diante dos fatos, o estudo pode colaborar para o despertar da necessidade e importância de se desenvolver novas pesquisas sobre o assunto, tanto para reverter a escassez de publicações dos estudos que relacionam o estresse e o sexo quanto para estabelecer novas estratégias.

Referências Bibliográficas

ARALDI-FAVASSA, C. T.; ARMILIATO, N.; KALININE, I. Aspectos Fisiológicos e Psicológicos do Estresse. **Revista de Psicologia da UnC**. Paraná, v. 2, n. 2, p. 84–92, 2005.

BARBOSA, R. H. S. et al. Gênero e trabalho em saúde: Um olhar crítico sobre o trabalho de agentes comunitárias/os de saúde. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 16, n. 42, p. 751–765, 2012.

CACCIARI, P.; HADDAD, M.C.L.; DALMAS, J. C. Nível de estresse em trabalhadores readequados e readaptados em universidade estadual pública. **Texto Contexto Enferm**, v. 25, n. 2, p. 1–7, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016004640014>.

CAIRES, S.; SILVA, C. Stress factors and coping strategies amongst 12th grade adolescents. **Estud Psicol**, Campinas, v.28, p.295-306, 2011.

CESTARI, V.R.F. et al. Estresse em estudantes de enfermagem: estudo sobre vulnerabilidades sociodemográficas e acadêmicas. **Acta Paul Enferm**, v. 30, n. 2, p. 190–196, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700029>.

CRUZAT-MANDICH, C. et al. Body image, psychological symptoms and eating disorders among Chilean adolescents and young adults. **Rev Med Chile**, v.144, p.743-750, 2016.

GADZELLA, B. M. et al. How business professionals view their stress. **Psychological Reports**, 68, 396-398. 1991.

GERVÁSIO S.M. et al. Análise do estresse em acadêmicos de Enfermagem frente ao primeiro estágio da grade curricular. **J Health Sci Inst.**, v.30, v.4, p.331-335, 2012. GHERARDI-DONATO, E. C. S. et al. Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. **Revista Latino-Americana de**

Enfermagem, v. 23, n. 4, p. 733–740, 3 out. 2015. DOI: 10.1590/0104-1169.0069.2610.

LACERDA, M. S. et al. Ansiedade, estresse e depressão de familiares de pacientes com insuficiência cardíaca. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, n. e03211, p. 1–8, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2016018903211>.

MARGIS, R. et al. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. **R. Psiquiatr.**, v. 25, n. (suplemento 1), p. 65–74, 2003.

MOMBELLI, M. A. et al. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco de stress infantil. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 28, n. 3, p. 327–335, 2011.

PATIAS, N.D. et al. Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) – Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 459-469, set./dez. 2016.

PETRY, A.R. Mulheres transexuais e o Processo Transexualizador: experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 70-75, Jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000200070&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 Maio 2019.

PINTO, A.A. et al. Associação Entre Estresse Percebido Na Adolescência, Peso Corporal E Relacionamentos Amorosos. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, n. 4, p. 422–428, 2017. DOI: 10.1590/1984-0462/;2017;35;4;00012.

PINTO, J. M. S.; NATIONS, M. K. A doença do cuidador familiar no Nordeste brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 521-530, fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000200025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de maio de 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000200025>.

PRADO, R.L. et al. Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários. **Revista da ABENO**, v. 17, n. 3, p.21-29, jul., 2017.

PRETO, V.A. et al. Percepção de estresse nos acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 12, n. 3, p. 708-715, mar., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/231389/28030>. Acesso em: 05 Maio 2019.

ROCHA, T.H.R et al. Sintomas depressivos em adolescentes de um colégio particular. **Psico USF**, v.11, n.1, p.95-102, 2006.

SADIR, M.A.; BIGNOTTO, M.M.; LIPP, M.E.N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.20, n.45, p.73-81, 2010.

SANTOS, F.S. et al. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 2, p. 194–200, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2RB20150047>.

SANTOS, J. B. G. et al. Sinais sugestivos de estresse infantil em escolares com transtorno de aprendizagem. **Revista CEFAC**, v. 18, n. 4, p. 854–863, 2016. DOI: 10.1590/1982-0216201618420915.

SAWATZKY, R.G. et al. Stress and depression in students: the mediating role of stress management self-efficacy. **Nurs Res.**, v.61, n.1, p.13-21, 2012.

SILVA, R.M. et al. Hardy personality and burnout syndrome among nursing students in three Brazilian universities: an analytic study. **BMC Nurs.**, v.13. n.1, p.9, 2014.

TRAVERSO-YEPEZ, M. A., & PINHEIRO, V. S. Socialização de gênero e adolescência. **Estudos Feministas**, v.13, n.1, p.147-162, 2005. DOI: 10.1590/S0104-026X2005000100010

VIEIRA, L.N.; SCHERMANN, L. B. Estresse e fatores associados em alunos de psicologia de uma universidade particular do sul do Brasil. **Aletheia**, v. 46, p.120-130, jan./abr. 2015.